

humanitas



Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



cado teve na história das ciências» (p. 113). A hipótese é sedutora, mas os seus fundamentos assentam em provas demasiado fragmentárias e ocasionais. De reter, sim, o alto significado da conotação que logo de início distingue *νόσημα*, como mais um triunfo do racionalismo dominante no séc. V a. C.

O livro de Preiser, elaborado com rigor de método e vasta e segura informação, compreende ainda uma bibliografia (em que surpreende a omissão de J. Dumortier, *Le Vocabulaire Médical d'Eschyle et les Écrits Hippocratiques*, Paris 1935, reeditado em 1975), um índice dos passos citados, outra das palavras estudadas e outro ainda de nomes e assuntos.

M. H. ROCHA PEREIRA

Anonyma de Musica Scripta Bellermanniana. Edidit DIETMAR NAJOCK. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner, 1975. XXVI + 38 pp.

Desde 1972, ao publicar na colecção «Göttinger Musikwissenschaftliche Arbeiten» o texto comentado e com tradução alemã do curioso tratado, justamente conhecido como *Anonymus Bellermannianus*, pelo nome derivado do do seu primeiro editor (1841), que Dietmar Najock conta entre as grandes autoridades no difícil domínio da investigação que é a história da música grega.

A edição que o mesmo especialista preparou para a Bibliotheca Teubneriana tem, naturalmente, as características próprias da colecção em que se insere, ou seja, consta de um prefácio consagrado quase por completo à *recensio* dos manuscritos (em número de vinte e três, dos quais o mais antigo e o melhor — *A* —, do séc. XII, é modelo dos restantes, com excepção de *B* e da sua cópia Urbinata, de *C*, *D*, *H* e *S*), bibliografia, texto com aparato crítico e índices.

Antes de entrar na descrição e estabelecimento do parentesco dos diversos códices, o *A*. discute, porém, dois importantes problemas referentes a esta obra: a composição e a cronologia. A análise cuidada do texto leva-o a atribuir-lhe, não dois autores, como A. J. Vincent e R. Westphal, mas três. Assim, o *Anonymus I* teria sido o autor dos §§ 1 a 11; o *Anonymus II*, dos §§ 12 a 28; e o *Anonymus III*, dos §§ 29 a 104. Este último ter-se-ia servido do primeiro como fonte dos §§ 83 a 94, o que explicaria a inequívoca semelhança entre 1-11 e 83-94. Quanto ao § 105, que só aparece depois de um espaço nos MSS. Neapol. III C 4 na sua cópia, o Vat. Urb. 77, considera-o um apêndice.

Relativamente à época da composição, o *A*. apenas adianta três prudentes conclusões: nenhum dos três tratadistas é posterior ao séc. VI; o *Anonymus II* e o *Anonymus III*, que, nos §§ 21, 48 e 49, parecem ter usado a *Isagoge* de Nicómaco

de Gerasa, então perdida, não podem ter vivido antes do séc. II; o *Anonymus I* poderá ser mais antigo.

Dois grandes méritos assinalam ainda esta edição: o exaustivo aparato de *loci similes*, que evidencia as relações de dependência dos autores perante outros tratadistas antigos, designadamente Aristóxeno; o *Index nominum et rerum*, que facilita a referência dos muitos termos técnicos definidos ao longo da obra, um dos quais é a própria Música, que o *Anonymus II* considera *ἐπιστήμη* (§ 12), ao passo que o *Anonymus III* a tem como *ἐπιστήμη* ou como *τέχνη* (§ 29), à maneira de Aristides Quintiliano.

M.H.R.P.

Sophoclis Tragoediae. Tom. I. Ajax. Electra. Oedipus Rex. Edidit R. D. DAWE. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, Teubner, 1975. XVI + 195 pp.

A publicação em 1973 do trabalho «Studies in the Text of Sophocles» intitulava o seu autor, R. Dawe, para o meritório empreendimento que, no volume presente da Teubner, encontramos parcialmente realizado: uma nova edição de Sófocles. A tarefa do editor começou naturalmente pelos dramas que, nos códices conservados de Sófocles, ocupam um lugar mais destacado: a tríade *Ajax*, *Electra* e *Rei Édipo*.

Embora atento, como convém, à generalidade da tradição manuscrita, fixa Dawe o texto destas peças a partir de 19 códices fundamentais, organizados em 4 famílias. A posição de maior relevo continua a ser atribuída àquele que é considerado o manuscrito mais importante de Sófocles, o Laurentianus 32, 9 (L), datado de cerca de 1000 A. D.

A utilização pelo Autor dos manuscritos que integram a 4.^a família, Zc T, merece uma referência particular. Louve-se o critério seguido de incluir no aparato as lições de T, derivado da edição de Triclinio. O facto de este editor ter usado de liberdades especiais na fixação do texto, onde realiza frequentes alterações para as quais não se digna chamar a atenção do leitor, não impede, conforme observa justamente Dawe, que a sua edição se funde em bons exemplares antigos a que devemos algumas importantes lições. Andou, portanto, bem Dawe ao deixar ao critério do leitor o juízo sobre o valor de algumas lições de T.

Igualmente adequada a valorização de Zc, a despeito da sua concordância, na generalidade, com T. O facto indiscutível de o autor de Zc ter utilizado L e A convertem o códice em algo mais que uma simples cópia de T.

Não deixa o Autor de utilizar o testemunho significativo dos papiros e do léxico de Suda. De tudo isto resulta um aparato equilibrado, que fornece os elementos

indispensáveis a um juízo criterioso sobre o texto, intencionalmente aliviado da sobrecarga inútil dos erros evidentes dos escribas. A cedência no caso de estes erros se encontrarem implantados em muitos códices representa uma infracção ao método utilizado que, nem por ser fundada no número, se nos afigura inteiramente justificável.

De aprovar é a reserva observada perante as conjecturas de editores modernos, que não encontram apoio na tradição. Nem sempre, porém, prevaleceu esta atitude de prudência e, com a análise de dois casos deste género, concluímos este recensão.

A grande maioria dos manuscritos apresenta para o v. 190 do *Ájax* o texto seguinte: μή μή μ', ἀναξ, ἔθ' ὅδ' ἐφάλοισ κλισίαις. A necessidade de interpretar μ' como um dativo (μοι) e a dificuldade de aceitar para o séc. V a elisão do ditongo οι levou autores como Blaydes e Wilamowitz a propor a supressão de μ', solução que vemos adoptada por Dawe. Mas a coloração homérica do passo, salientada por Kamerbeek, é um argumento a favor da possibilidade deste tipo de elisão, documentada em Homero. No domínio do estilo, a presença do dativo ético μοι é um factor de enriquecimento do texto. Nestas condições parece-nos de manter a lição dos manuscritos, conforme a opinião de Mazon e Kamerbeek.

O 2.º caso diz respeito ao v. 269 da mesma peça, em que, segundo a lição dos códices, Tecmessa pronuncia as seguintes palavras: ἡμεῖς ἄρ' οὐ νοσοῦντες ἀτόμεσθα νῦν.

A correcção νοσοῦντος, proposta por Hermann e aceite por Pearson e Dawe, não se impõe de forma nenhuma ao editor. A conservação do texto tradicional (Mazon; Kamerbeek) é perfeitamente justificada pelo contexto em que a fala de Tecmessa se insere. Como a fala seguinte da mesma personagem explica, o facto de *Ájax* se encontrar neste momento curado sobrecarrega-o, só agora, com a consciência da sua desonra, ao passo que Tecmessa sofreu e continua a sofrer os efeitos da loucura do herói. A expressão οὐ νοσοῦντες traduz, assim, a situação de Tecmessa, que suporta, desde o início, as consequências da sua lucidez.

M. OLIVEIRA PULQUÉRIO

Scholia In Aeschylum. Pars I. Edidit O. L. SMITH. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, Teubner, 1976. XXVIII + 218 pp.

Longo caminho foi necessário trilhar para se chegar a esta edição teubneriana das escólios da *Oresteia* e das *Suplicantes* de Ésquilo, com que O. Smith inicia a publicação completa dos escólios esquilianos. A história começa com a edição de Robortello, saída em Veneza no ano de 1552. Cinco anos depois surge em Paris a famosa edição das tragédias e escólios esquilianos, realizada por Pedro Vitório, obra que durante três séculos permanecerá como o texto fundamental, a que recor-

rerão todos os editores (Stanley — 1664; Pauw — 1745; Schuetz — 1821). Seguiram-se as edições de Dindorf (1851), Wecklein (1885) e, já no nosso tempo, para a *Oresteia*, Thomson (1966). Omitem-se aqui as edições dos escólios de peças isoladas de Ésquilo, a que Smith presta homenagem no final do prefácio à sua edição.

Esta edição, mais do que sobre as edições anteriormente referidas, é, no entanto, elaborada sobre os códices a seguir indicados: M (e seis dos seus apógrafos), G, F e E, para os escólios antigos e proto-triclinianos; T, para os escólios triclinianos. Lugar primacial para os escólios do primeiro grupo é atribuído ao melhor dos manuscritos de Ésquilo, o Mediceus Laurentianus plut. 32, 9 (M). A importância de T (Neapolitanus II. F. 31) para o conhecimento dos escólios triclinianos é posta em relevo por Smith, que distingue neste códice, elaborado por Demétrio Triclínio cerca do ano de 1325, três espécies de escólios: escólios antigos, escólios métricos e escólios exegéticos, compostos pelo próprio Triclínio.

Consideremos em primeiro lugar o problema dos escólios interlineares de T, que aparecem desprovidos de qualquer sinal identificativo. Embora a presença de muitos destes escólios entre os escólios marginais de M revele a sua antiguidade, a coincidência literal de muitos outros com os escólios exegéticos triclinianos postula, segundo Smith, uma data recente, ou seja, uma autoria tricliniana. O assunto não nos parece de todo claro. O facto de Triclínio não os ter assinalado com a *crux*, que distingue normalmente os escólios da sua autoria, faz que hesitemos perante esta interpretação dos escólios interlineares. É naturalmente possível admitir a hipótese de muitos dos escólios exegéticos repetirem, mesmo ao nível da expressão linguística, escólios interlineares antigos.

Abordemos agora o problema complexo dos escólios métricos proto-triclinianos. A discussão da opinião de Fraenkel sobre a origem em T dos escólios métricos de GF (Fraenkel não conheceu o manuscrito E), com base nos trabalhos de Sealey, Dawe e Zuntz, parece conduzir a resultados positivos: não é de admitir a derivação indicada dos escólios métricos de GFE, apesar da sua clara origem tricliniana, demonstrada pela utilização de determinados princípios de doutrina métrica. Parece dever concluir-se a existência duma edição tricliniana anterior a T, que, essa sim, terá constituído a fonte dos referidos escólios métricos de GFE. Aliás a independência destes códices em relação a T é claramente confirmada pela presença naqueles, salientada por Smith, de escólios métricos que se não encontram em T.

Por outro lado, a repetição literal nos escólios interlineares de T de escólios marginais de M fundamenta suficientemente a conclusão de Smith sobre a existência de um arquétipo comum às duas transmissões de escólios. O facto de alguns destes escólios aparecerem sob uma forma mais reduzida em M legitima igualmente a dedução de um subarquétipo μ entre o arquétipo e M. Justifica-se inteiramente que Smith renuncie à reconstituição do arquétipo a partir dos subarquétipos μ e ψ (antepassado de TGFE), dada a influência manifesta em alguns escólios de M de antigos comentários que não deixaram vestígios no outro ramo da tradição.

De salientar a importância da inclusão no aparato dos passos de outros escritores que acusam alguma relação com os escólios publicados. Cite-se, para concluir, a longa e actualizada bibliografia utilizada por O. Smith, que representa mais um elemento positivo desta valiosa edição dos escólios de Ésquilo.

M. OLIVEIRA PULQUÉRIO